

caderno de leituras n.126

série *intempestiva*

# a história dos sonhos

subcomandante  
insurgente marcos

tradução  
clarissa xavier



**nota da  
editora**

O texto em espanhol – “La historia de los sueños” – está disponível gratuitamente nos arquivos do **Enlace Zapatista**:

<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1995/12/25/la-historia-de-los-suenos/>.

Seguimos o uso das aspas tal como no original.

**25 de dezembro de 1995**

Na solidão asfixiante dos primeiros anos da guerra zapatista, um personagem peculiar se fez presente em nossos acampamentos. Um pequeno besouro fumante, um bom leitor e melhor falador, deu a si mesmo a tarefa de aliviar as madrugadas frias de um combatente, o Sup.

De nome civil “Nabucodonosor”, o pequeno besouro escolheu “Durito” como nome de guerra pela fortaleza de sua pele. Durito, como todas as crianças, tem a pele dura. E foi por isso mesmo que Durito escolheu como primeiro interlocutor a criança que temos em nós e que por vergonha esquecemos.

Uma madrugada, dez anos depois, quase no fim da retirada militar que nos obrigou à traição de fevereiro, Durito nos reencontrou e voltou a tocar naquilo que o ser humano tem de melhor: sua capacidade de assombro, sua ternura, sua aspiração a ser alguém melhor... junto com os outros.

Às vezes detetive, às vezes analista político, às vezes cavaleiro errante e outras tantas como escritor de cartas, Durito fala conosco oferecendo-nos um espelho do futuro que nos mostra o que podemos ser, os Contos para uma noite de asfixia começam para aliviar o peito oprimido pelo desconhecido. Neles, Durito nos abre uma ferida no peito, uma ferida que dói e alivia, uma ferida que machuca, mas que nos permite respirar melhor.

Autodenominado cavaleiro errante e com a nova alcunha “Don Durito de La Lacandona”, esse pequeno besouro decide percorrer os caminhos do mundo para desfazer imbróglis, socorrer donzelas, aliviar o doente, apoiar o fraco, ensinar ao ignorante, humilhar o poderoso, elevar o humilde. Maior cavaleiro andarilho que houve no mundo, o sempre vivo Don Durito de La Lacandona vive assombrando as estrelas que o descobrem nas madrugadas indômitas. As notícias de suas façanhas já deram a volta ao mundo, e milhões de mulheres suspiram por ele, milhares de homens o citam com respeito e centenas de milhares de crianças o admiram.

Don Durito de La Lacandona nos descreve parte de suas andanças e pensamentos, nos relata contos desconcertantes que têm mil e uma leituras, que ensinam e que aliviam as incontáveis noites de asfixia nas montanhas do Sudeste mexicano.

Durito cumpre dez anos neste mês de dezembro de 1995. Está apenas esperando os resultados da Consulta Intergalác-

tica que convocou para saber se seguirá nos assombrando com seus prenúncios ou se voltará a se perder nas múltiplas veredas que cruzam as montanhas do Sudeste mexicano.

Hoje, 25 de dezembro de 1995, cumprimento o maior e melhor dos praticantes da cavalaria errante, Don Durito.

Das montanhas do Sudeste mexicano  
Subcomandante Insurgente Marcos

P.S.: que ensina a sonhar ou, o que é o mesmo, a lutar.

O velho Antonio afiava seu facão e fumava na entrada de sua cabana. Eu cochilava ao seu lado, aconchegado pelo cricrilar dos grilos e pelo cansaço. Assim como dez anos antes e dez anos depois da fumaça afiada do cigarro do velho Antonio, o céu era um mar noturno, tão grande que não se via fim nem princípio. A lua se insinuou minutos antes. Uma nuvem de luz cortou a ponta da colina que seria a varanda de um romance prateado, o trampolim para um claro mergulho, a plataforma para um novo voo. Uma lâmina dourada mal piscou para o vale que a esperava. Depois mudou do ouro para a prata e então para o branco perolado. Com as velas inchadas e remendadas, lançou-se para cima. Navegando passou a noite. Embaixo esperavam o silêncio e a nostalgia.

Dezembro, 1975, 1985, 1995. Sempre o mar se abrindo ao Oriente. Não chovia, mas o frio molhava as roupas e o breve sonho inquieto da asfixia lenta. O velho Antonio confirmou que estava acordado e me perguntou:

– O que sonhou?

– Nada – disse, enquanto procurava o cachimbo e o tabaco na cartucheira.

– Pior assim. Sonhando se sonha e se conhece. Sonhando se sabe – replicou o velho Antonio, enquanto voltava à lenta carícia da lixa sobre a língua laminada de seu facão.

– Pior? Por quê? – perguntei, já acendendo o cachimbo.

O velho Antonio interrompeu seu talhar e, depois de verificar o fio, deixou o facão de lado. Com suas mãos e lábios começou um cigarro e uma história.

### **A história dos sonhos**

– A história que vou te contar ninguém me contou. Bom, quem me contou foi meu avô, mas ele me avisou que eu só a entenderia quando a sonhasse. Assim, vou te contar a história que sonhei, e não a que meu avô me contou – o velho Antonio estica suas pernas e esfrega seus joelhos cansados. Solta uma fumaça que encobre o reflexo da lua na lâmina de aço que repousa sobre suas pernas e continua...

“Em cada sulco de pele que nasce no rosto dos grandes avós se guardam e se vivem os nossos deuses. É o tempo de longe que chega até nós. Pelo tempo caminha a razão dos nossos antepassados. Nos velhos mais velhos falam grandes deuses, nós os escutamos. Quando as nuvens se deitam sobre a terra, agarradas às colinas somente com suas mãozinhas, então os primeiros deuses descem para brincar com os homens e as mulheres, ensinando-lhes coisas verdadeiras. Pouco se mostram os primeiros deuses, trazem rosto de noite e nuvem. Sonhos que sonhamos para sermos melhores.

“Por meio dos sonhos os primeiros deuses nos falam e ensinam. O homem que não sabe sonhar fica muito sozinho e esconde sua ignorância no medo. Para que pudessem falar, para que pudessem saber e saber-se, os primeiros deuses ensinaram os homens e as mulheres de milho a sonhar, e deram-lhes os nahuales para que com eles caminhassem a vida.

“Os nahuales dos homens e mulheres verdadeiros são a onça, a águia e o coiole. A onça para lutar, a águia para que os sonhos voem, o coiole para pensar e não dar importância ao engano do poderoso.

“No mundo dos primeiros deuses, os que formaram o mundo, tudo é sonho. A terra em que vivemos e morreremos é um grande espelho do sonho em que vivem os deuses. Vivem todos juntos os grandes deuses. Estão em igualdade. Não há quem esteja acima ou abaixo. É a injustiça que se faz governo o que aparta o mundo e põe alguns poucos acima e os muitos abaixo. Não é assim no mundo. O mundo verdadeiro, o grande espelho do sonho dos primeiros deuses, aqueles que nasceram o mundo, é muito grande e todos cabem em igualdade. Não é como o mundo de agora, que é pequeno para os poucos que estão acima e os muitos que estão abaixo. O mundo de agora não é justo, não é um bom espelho que reflete o mundo de sonhos onde vivem os deuses primeiros.

“Por isso os deuses deram de presente aos homens de milho um espelho que se chama dignidade. Nele, os homens se veem iguais e se tornam rebeldes se não estão em igualdade. Assim começou a rebeldia dos nossos primeiros avós, os que hoje morrem em nós para que vivamos.

“O espelho da dignidade serve para derrotar os demônios que repartem a escuridão. Visto no espelho, o senhor da escuridão se vê refletido como o nada que a forma. Como se fosse nada, em nada se desfaz diante do espelho da dignidade o senhor da escuridão, o desagregador do mundo.

“Os deuses puseram quatro pontos para que o mundo ficasse deitado. Não porque estivesse cansado, mas para que homens e mulheres caminhassem em igualdade, para que todosoubessem, para que ninguém se pusesse acima do outro. Os deuses puseram dois pontos para voar e estar na terra se pudessem. Os deuses puseram um ponto para que os verdadeiros homens e mulheres caminhassem. Sete são os pontos que dão sentido ao mundo e trabalho aos homens e mulheres verdadeiros: frente e trás, um lado e o outro, acima e abaixo, e o sétimo é o caminho que sonhamos, o destino dos homens e mulheres de milho, os verdadeiros.

“Os deuses deram de presente uma lua em cada seio das mulheres mães, para que alimentassem de sonho os homens e mulheres novos. Com eles vêm a história e a memória, sem eles se comem a morte e o esquecimento. A terra, nossa grande mãe, tem dois seios para que os homens e as mulheres aprendam a sonhar. Aprendendo a sonhar aprendem a tornar-se grandes, a tornar-se dignos, aprendem a lutar. Por isso, quando os verdadeiros homens e mulheres dizem ‘vamos sonhar’, dizem e dizem a si mesmos ‘vamos lutar’.”

O velho Antonio se calou. Ele se calou ou eu adormeci.  
Sonho que sonho, sonho que sei, sonho que entendo...

Acima o seio da lua derramava leite no caminho de Santiago. A madrugada era rainha e tudo estava por fazer, por sonhar, por lutar.

El Sup embalando memórias e arsenais.



**Caderno de Leituras n.126**  
**série *intempestiva***

**A história dos sonhos**  
***La historia de los sueños***  
Subcomandante  
Insurgente Marcos

**Edição**  
Maria Carolina Fenati

**Tradução**  
Clarissa Xavier

**Revisão**  
Luísa Rabello  
Andrea Stahel

**Projeto Gráfico**  
Mateus Acioli

**Coordenação da coleção**  
Luísa Rabello e  
Maria Carolina Fenati

Composto em Maax,  
desenhada por Damien  
Gautier para 205TF Foundry.

**Edições Chão da Feira**  
Belo Horizonte, maio de 2021

Esta e outras publicações  
da editora estão disponíveis  
em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)